

SEXUALIDADE E EROTISMO NAS TRADIÇÕES PATRIARCAIS DE JUDÁ

Carlos Arthur Dreher*

Resumo

Se as tradições sobre Jacó/Israel se caracterizam por fraude e engano, as antigas tradições do Reino do Sul e do patriarca Judá são marcadas por sexualidade e erotismo. A moabita Rute, bisavó de Davi, remonta à estranha tradição das filhas de Ló (Gn 19.30-38), na qual Moabe é primogênito de uma relação incestuosa. Pela genealogia de Jesus em Mateus (Mt 1.1-17), Boaz, marido de Rute, descende de Raabe, a prostituta de Jericó, e de Salmon (Rt 4.20), quinta geração de Perez, primogênito de Tamar, nora de Judá, que com este manteve outra relação incestuosa (Gn 38). A relação entre Rute e Boaz também tem componentes eróticos e sexuais surpreendentes. O tema continua com a relação adúltera de Davi com Bate-Seba, que dá sequência a dinastia davídica. O artigo aborda o tema "Sexualidade e Erotismo na Bíblia Hebraica", restringindo-se às tradições de Judá.

Palavras-chave: Sexualidade. Bíblia Hebraica. Judá.

Abstract

If the traditions of Jacob/Israel are characterized by fraud and deception, the ancient traditions of the Southern Kingdom and of the patriarch Judah are marked by sexuality and eroticism. The Moabite, Ruth, great grandmother of David, remits back to the strange relation of Lot's daughters (Gen 19:30-38), in which Moab is the first born of an incestuous relationship. Through Jesus' genealogy in Matthew (Mat 1:1-17), Boaz, Ruth's husband, descends from Rahab, a prostitute of Jericho, and from Salmon (Ruth 4:20), fifth generation of Perez, first born of Tamar, daughter-in-law of Judah, who had another incestuous relationship with the latter. The relation between Ruth and Boaz also has surprising erotic and sexual components. The theme continues with the adulterous relationship of David with Bathsheba, who grants the continuation of the Davidic dynasty. The article deals with the theme "Sexuality and Eroticism in the Hebrew Bible", limited to the traditions of Judah.

Keywords: Sexuality. Hebrew Bible. Judah.

Introdução

Minha motivação para o presente artigo vem de longe. Anos atrás, meu pai, ainda vivo, me mostrou uma edição da Bíblia em língua alemã, datada de 1883, que pertencera a meu bisavô, chamando-me a atenção para o fato de uma de suas páginas estar meticulosamente cortada, aparentemente com uma navalha. Da p. 16, o texto saltava para a p. 19. As p. 17 e 18 faltavam.

* Mestre e Doutor em Antigo Testamento pelo IEPG da originalmente Escola Superior de Teologia da IECLB, atualmente Faculdades EST. Professor de Antigo Testamento na Graduação e no Programa de Pós-Graduação da referida instituição. E-mail: carlosdreher@est.edu.br.

Curiosos, fomos verificar o texto que faltava. O último versículo da p.16 era Gn 19.9. A p.19 iniciava com Gn 21.5. Gn 19 inicia com o relato da visita dos dois anjos a Ló, em Sodoma. Até o v. 9, os acontecimentos já se precipitaram. A casa de Ló, na qual os anjos haviam sido hospitaleiramente acolhidos, é cercada por todos os lados pelos homens, jovens e velhos, de Sodoma. Querem os homens – os anjos – hospedados por Ló, a fim de abusarem deles (o verbo utilizado é *ydh*, “conhecer”, normalmente também utilizado para relações sexuais). A fim de proteger seus hóspedes, Ló oferece suas filhas aos homens de Sodoma (v.9). Na sequência, diante do fracasso de todas as negociações propostas por Ló, os hóspedes ferem os homens de Sodoma com cegueira. Ló e sua família escapam à terrível destruição de Sodoma e Gomorra. Na fuga, porém, por desobediência à ordem de não olhar para trás, a mulher de Ló é transformada em estátua de sal. É depois disso que temos a cena do incesto praticado pelas filhas de Ló com seu pai, com o que se encerra Gn 20.

Que teria levado aquele homem, de tradição evangélico-pietista, porém, maçom, portanto, culto, a, supostamente, “censurar” aquela página da Bíblia? Teria sido sua moral, carregada de pudor, suponho, e assustada com aquela imoral relação sexual entre filhas e pai, o levado a tanto?

A pergunta antiga me voltou a mente ao ler um trabalho de conclusão do curso de Teologia na Faculdades EST, escrito por uma aluna orientada por mim, que escrevera sobre a história de Tamar (Gn 38)¹, texto estranhamente não “censurado” por meu bisavô. Em seu trabalho, Joyce Aline Klein trazia uma afirmação de Athalya Brenner de que a genealogia patriarcal do Reino de Judá passava por uma sexualidade, digo eu, “suspeita”. As filhas de Ló, ancestrais de Rute, a moabita, Tamar, que ficara grávida de seu sogro Judá, do que se chegaria a Boaz, o adultério de Davi com Bate-Seba, todas estas narrativas levavam a pensar numa ascendência judaíta relacionada a práticas sexuais, no mínimo, estranhas.

Um seminário de aprofundamento teológico que propus no semestre passado sobre sexualidade erotismo na Bíblia Hebraica me levou a pensar em escrever uma série de artigos sobre o tema.

¹ KLEIN, Joice Aline. “*Que bom que você não desistiu. Em busca do direito e da justiça (de Javé), à luz de Gênesis 38*”. Trabalho de Conclusão do Curso de Bacharelado em Teologia. São Leopoldo, Faculdades EST, 2011. (não publicado).

Começo por aqui, com este breve artigo que se propõe introdutório a uma temática mais ampla.

Interessa-me aqui uma breve comparação entre as tradições patriarcais dos dois reinos, Israel e Judá. Para Israel, o grande patriarca é, sem dúvida, Jacó, que, após “lutar com Deus” junto ao rio Jaboque (Gn 32.22-33), passa a ser chamado “Israel”. Embora no Novo Testamento o grande patriarca mencionado em relação a Judá seja sempre Abraão, é de supor que, por seu nome, o reino do sul se entendesse, de fato, como descendente do patriarca Judá.

Partindo das principais características – fraude e engano – nas narrativas sobre Jacó/Israel, pretendo perseguir uma genealogia marcada pela sexualidade nas tradições de Judá. Abordo aí brevemente as narrativas sobre as filhas de Ló (Gn 19.30-38), a narrativa sobre Tamar e Judá (Gn 38), a história de Rute, especialmente o cap. 3. Já um tanto além das tradições próprias de Judá, interessa-me, por último, o relato sobre o adultério de Davi com Bate-Seba (2 Sm 11), por ser a partir daí que se estabelece a grande dinastia davídica, pilar fundamental do Judaísmo.

Vale lembrar que todas estas personagens femininas estão relacionadas na genealogia de Jesus, conforme Mateus (Mt 1.1-17), o que sublinha a importância das tradições acima mencionadas para o universo judaico.

Fraude e engano nas tradições de Jacó/Israel

Embora não seja este o assunto precípua deste artigo, é importante que nos detenhamos brevemente sobre as tradições de Jacó/Israel, para posterior comparação com as tradições de Judá.

As tradições de Jacó são marcadas, no início, pela disputa entre os irmãos, que já lutam pela primogenitura no ventre da mãe (Gn 25.19-26).² Já a negociação da primogenitura em torno de um prato de lentilhas tem indícios de fraude e de engano (Gn 25.27-34). Mais evidente é a fraude promovida por Jacó, auxiliado pela mãe, por ocasião da bênção que Isaque pretende dar a Esaú (Gn 27)³.

² Para a discussão da primogenitura, cf. a interessante dissertação de mestrado de Reginaldo Pereira de Moraes “O direito de primogenitura no Antigo Testamento, à luz das narrativas sobre Esaú e Jacó (Gn 25.19-34 e 27.1-41)”. Faculdades EST, PPG, São Leopoldo, 2012.

³ Interessante, neste contexto, a leitura de Gn 27 feita por BLEDDSTEIN, Adrien Janis. “A amarradora, o trapaceiro, o calcanhar e o cabeludo: relendo Gênesis 27 como uma trapaça contada por uma mulher.” In: BRENNER, Athalya (org.). *Gênesis a partir de uma leitura de gênero*. São Paulo: Paulinas, 2000, p. 308-323.

O enganador é enganado pelo sogro na noite de núpcias (Gn 29.21ss), que lhe entrega a filha mais velha em lugar da amada. A fraude e o engano atingem também a disputa entre Lia e Raquel, esposas de Jacó, como é o caso na história das mandrágoras colhidas por Rúben (Gn 30. 14-16).

O tema tem continuidade na negociação salarial entre Labão e Jacó, envolvendo bodes e cabras salpicados e malhados e cordeiros negros (Gn 30.27-43). Segue-se a fuga de Jacó com suas mulheres e seus filhos, em meio ao que Raquel furta os ídolos do lar pertencentes a seu pai (Gn 31.19ss).

Nem mesmo Deus escapa do tema, pois, na cena do Jaboque, utiliza-se de um “golpe baixo” na luta com Jacó, ao deslocar-lhe a junta da coxa (Gn 32.22-32).

Também os filhos de Jacó aderem à prática fraudulenta. Esse é o caso na história de Diná, no desfecho da qual Simeão e Levi usam a circuncisão como ardil para incapacitar Siquém e seus homens para a luta e os passam a fio de espada (Gn 34). Idêntica é a atitude dos irmãos na venda de José para o Egito (Gn 37). Assim também a atitude de José ao mandar colocar seu copo de prata no saco de cereais levado por Benjamim (Gn 44).

Ainda que outros aspectos perfaçam as tradições de Jacó, parece não haver dúvida de que fraude e engano se apresentam aí como as principais características.

Sexualidade e erotismo nas tradições de Judá

Estou cada vez mais convencido de que a tribo de Judá somente foi integrada, de fato, à totalidade chamada “Israel” a partir do reinado de Davi.⁴ Partindo desta hipótese, considero aqui que as tradições patriarcais de Judá se estendem até Davi e a consolidação de sua dinastia sobre o Reino de Judá.

Conforme a genealogia apresentada no Livro de Rute (4.18-22), Davi descende de Obede, filho de Rute com Boaz. A genealogia consegue remontar até Perez, filho de Tamar e de Judá, seu sogro (Gn 38.29).

⁴ É, no mínimo, curioso que Judá nem sequer seja mencionado no antigo Cântico de Débora (Jz 5). Isto é tanto mais sintomático pelo fato de o cântico mencionar grupos tribais dos quais se esperava ajuda, que, porém, não vieram para o combate contra os reis de Canaã. Sobre Judá, contudo, o silêncio é absoluto. Teria sido Benjamin, o “filho do sul”, de fato a tribo mais meridional daquele antigo Israel? Cf. meu artigo “A formação social do Israel pré-estatal. Uma tentativa de reconstrução histórica, a partir do Cântico de Débora (Jz 5)”. *Estudos Teológicos*, São Leopoldo, ano 26, n. 2, p.169-201, 1986.

Em meio a esta genealogia, somos informados de que Boaz é filho de Salmon (Rt 4.21). Embora a passagem não nos informe a respeito, temos notícia, a partir da genealogia de Jesus apresentada no Evangelho de Mateus, que Boaz foi gerado por Salmon de Raabe (Mt 1.5). Não há como ter certeza absoluta de que aqui se trate da conhecida prostituta de Jericó (Js 2). Afinal, esta Raabe poderia ser homônima da outra. Contudo, a julgar pelas demais mulheres mencionadas pelo evangelista na referida genealogia, cresce esta possibilidade.

Rute, por sua vez, é moabita. Não dispomos de sua genealogia, o que, aliás, não ocorre em relação a mulheres na Bíblia Hebraica. Não obstante, a origem dos moabitas remonta à estranha relação das filhas de Ló com seu pai (Gn 19.30-38). Moabe é o filho da primogênita de Ló, cujo nome desconhecemos.

A sedutora maneira como Rute conquista Boaz na eira não pode deixar de ser mencionada (Rt 3). Banho, óleos, melhores vestidos (3.3), o ato de “descobrir os pés” do homem a ser conquistado (3.4), conselhos da sogra Noemi (3.1), além do fato de permanecer ali, deitada “a seus pés” até pela manhã, levantando-se antes que se pudessem conhecer, para que ninguém soubesse que uma mulher viera à eira (3.14) perfazem uma cena carregada de sensualidade e erotismo.

Se continuarmos a perseguir tais traços de sexualidade e erotismo na literatura que segue, vamos chegar à cena do adultério de Davi com Bate-Seba (2 Sm 11). O rei, que deveria sair para a guerra (v.1), permanece em Jerusalém. Do terraço de sua casa, numa tarde, fica a observar uma bela mulher a tomar banho. Manda buscá-la e se deita com ela. O “assassinato acidental” de Urias (11.14ss) é conhecido, bem como a repreensão de Natã (2 Sm 12), após Davi tomar a mulher, passado o seu luto, e engravidá-la. A criança morre. Posteriormente, o casal adúltero gerará Salomão (12.24).

Embora isto não nos interesse tanto aqui, vale mencionar que, na sequência, teremos várias cenas de sexo, agora, porém, marcadas pela violência. Amnom violentará sua meia-irmã Tamar (2 Sm 13). Absalão coabitará com as concubinas de seu pai Davi (2 Sm 16.20-22). Salomão mandará Benaia matar Adonias, seu irmão, por este pedir por mulher a jovem sunamita que fora trazida ao harém para “aquecer” o velho Davi. (1 Rs 2.13-25; compare 1 Rs 1.1-4).

Sexualidade, erotismo e violência sexual marcam, pois, as tradições de Judá e, por consequência, a dinastia messiânica.

Traçando pistas para investigações futuras

As reflexões arroladas acima me levam a concluir que a atribuição de características fundamentais às tradições de Jacó/Israel – fraude e engano – e de Judá – sexualidade e erotismo – é, de alguma forma, intencional nas narrativas. Parece que pretendem marcar as tradições dos reinos do norte e do sul, dando a cada qual um destaque.

Observando a marca deixada nas tradições de Judá – sexualidade e erotismo -, imagino algumas pistas a serem perseguidas em investigações futuras.

1. A tradição de Judá é marcada por figuras femininas, o que se pode observar por último na genealogia de Jesus, como apresentada por Mateus. Nela são mencionadas Tamar (1.2), Raabe e Rute (1.4), a mulher de Urias (1.6). A menção a apenas estas quatro mulheres as coloca em posição de destaque. São as grandes matriarcas de Judá. Outras mulheres são esquecidas. Apenas os pais dos ancestrais são mencionados nos demais casos.

2. A ausência das filhas de Ló naquela relação chama a atenção. Teria a tradição, de fato, transferido “características femininas do ‘positivo’ para o ponto ‘negativo’”, como propõe Athalya Brenner?⁵ A menção a Rute em Mateus já pressuporia esta sua origem?

É curioso que nas leis acerca das relações sexuais incestuosas, contidas em Lv 18, não mencionam explicitamente a relação entre filha e pai.⁶ A passagem de Gn 19.30ss merece ser tratada à parte.

3. Athalya Brenner, com razão, vê em Tamar e Rute o modelo positivo de mulheres “sedutoras”.⁷ Aborda também os casos de Tamar, Rute e Raabe como modelos positivos de mulheres estrangeiras na Bíblia Hebraica.⁸ Não obstante, proponho

⁵ BRENNER, Athalya. *A mulher israelita*. Papel social e modelo literário na narrativa bíblica. São Paulo: Paulinas, 2001, p. 163.

⁶ Cf, para o assunto LOBOSCO, Ricardo Lengruher. *O incesto nas leis do Levítico*. Análise da Lei de Santidade (Lv 18 e Lv 20) à luz do “Código” de Hamurábi (§§ 154-158) e a questão do silêncio sobre o incesto com a(s) filha(s) no Antigo Testamento. São Leopoldo: Oikos, 2011.

⁷ *A mulher israelita*, p.155ss.

⁸ *A mulher israelita*, p.174ss,

analisar separadamente e em profundidade as passagens referentes a essas três personagens.

4. Análise à parte merece Bate-Seba. É vítima? É conivente? Vítima à princípio, opressora depois? A personagem enquadra-se em outra visão de sexualidade a partir da existência da monarquia? – Neste caso, seria importante averiguar também as passagens que relatam casos de violência sexual aos tempos da monarquia mencionados acima: Tamar violentada, as concubinas de Davi e Absalão, a morte de Adonias por pretender a sunamita.

4.5 As pistas aqui arroladas não pretendem apenas satisfazer curiosidades. Mais do que isso, querem desdobrar-se numa busca criteriosa de um esboço de uma ética sexual a partir da Bíblia Hebraica. Certamente, terão que ocupar-se de outros textos em universo mais amplo do que as tradições patriarcais de Judá. Afinal, não deixa de ser estranho o fato de a navalha de meu bisavô não haver censurado o Cântico dos Cânticos.

Referências

BLEDSTEIN, Adrien Janis. “A amarradora, o trapaceiro, o calcanhar e o cabeludo: relendo Gênesis 27 como uma trapaça contada por uma mulher.” In: BRENNER, Athalya (org.). *Gênesis a partir de uma leitura de gênero*. São Paulo: Paulinas, 2000, p. 308-323.

BRENNER, Athalya. *A mulher israelita*. Papel social e modelo literário na narrativa bíblica. São Paulo: Paulinas, 2001.

DREHER, Carlos A. A formação social do Israel pré-estatal. Uma tentativa de reconstrução histórica, a partir do Cântico de Débora (Jz 5). *Estudos Teológicos*, São Leopoldo, ano 26, n. 2, p.169-201, 1986.

KLEIN, Joice Aline. “Que bom que você não desistiu.” *Em busca do direito e da justiça (de Javé), à luz de Gênesis 38*. Trabalho de Conclusão do Curso de Bacharelado em Teologia. São Leopoldo, Faculdades EST, 2011. (não publicado).

LOBOSCO, Ricardo Lengruher. *O incesto nas leis do Levítico*. Análise da Lei de Santidade (Lv 18 e Lv 20) à luz do “Código” de Hamurábi (§§ 154-158) e a questão do silêncio sobre o incesto com a(s) filha(s) no Antigo Testamento. São Leopoldo: Oikos, 2011

MORAES, Reginaldo Pereira de. *O direito de primogenitura no Antigo Testamento, à luz das narrativas sobre Esaú e Jacó (Gn 25.19-34 e 27.1-41)*. Faculdades EST, PPG, São Leopoldo, 2012.

CONGRESSO INTERNACIONAL DA FACULDADES EST, 1., 2012, São Leopoldo.
Anais do Congresso Internacional da Faculdades EST. São Leopoldo: EST, v. 1, 2012. | p.1002-1008